

Entre o prazer e o sofrimento: um estudo de métodos mistos com sacerdotes do Rio Grande do Sul

Edemilson Pichek dos Santos¹ | Edna Thais Jeremias Martins²
Gímerson Erick Ferreira³

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar o prazer e o sofrimento de sacerdotes da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, à luz da Teoria da Psicodinâmica do Trabalho. Trata-se de uma pesquisa de métodos mistos, com projeto convergente. Na abordagem quantitativa, utilizou-se, para a coleta de dados, um questionário sociodemográfico e profissional e a Escala de indicadores de prazer e sofrimento no trabalho. Na abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas clínicas. O período de coleta deu-se entre agosto e dezembro 2017. Os dados quantitativos foram submetidos à estatística descritiva e analítica e qualitativos à análise da Psicodinâmica do Trabalho. Os resultados apresentaram avaliações críticas para os fatores liberdade de expressão ($3,77 \pm 0,74$), realização profissional ($4,11 \pm 0,48$), esgotamento profissional ($2,49 \pm 0,69$) e falta de reconhecimento ($2,16 \pm 0,69$). O reconhecimento, significado e importância atribuída ao trabalho favorecem os sentimentos de prazer, no entanto a organização do trabalho, o custo humano no trabalho, esgotamento profissional, falta de cooperação e de espaços para discussão desvela o risco de adoecimento. Conclui-se que o prazer foi percebido na Realização Profissional, Liberdade de Expressão e Reconhecimento, enquanto o sofrimento foi aferido no Esgotamento Profissional que Ritmo excessivo do Trabalho. Assim, os sacerdotes vivenciam formas de prazer e de sofrimento no trabalho sacerdotal na realização e no reconhecimento do trabalho que realizam.

Palavras-chave: Sacerdotes. Prazer e Sofrimento no Trabalho. Psicodinâmica do Trabalho.

Abstract

This study aimed to analyze the pleasure and suffering of priests of the Catholic Church in Rio Grande do Sul, in the light of the Theory of Work Psychodynamics. It is a research of mixed methods, with convergent project. In the quantitative approach, it was used, for the collection of data, a sociodemographic and professional questionnaire and the scale of indicators of pleasure and suffering at work. In the qualitative approach, clinical interviews were performed. The collection period was between August and December of 2017. The quantitative data were submitted to descriptive and analytical statistics and qualitative information to the analysis of the Work Psychodynamics. The results presented critical evaluations for freedom of expression (3.77 ± 0.74), professional achievement (4.11 ± 0.48), professional exhaustion (2.49 ± 0.69) and lack of recognition (2.16 ± 0.69).

¹ Mestrando em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-Graduação das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat (RS). Enfermeiro graduado pela Faccat (RS). edemilson@sou.faccat.br

² Docente do da Graduação em Enfermagem das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat (RS). Doutora em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Medicina e Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS - Brasil. ednamartins@faccat.br. ednamartins@faccat.br

³ Professor assistente nível II da Graduação em Enfermagem das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat (RS). Doutor em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS). gimersonferreira@faccat.br

and lack of recognition (2 , 16 ± 0.69). The recognition, meaning and importance attributed to the work favor the feelings of pleasure, however the organization of work, human cost at work, professional exhaustion, lack of cooperation and time for discussion uncovers the risk of illness. It is concluded that the pleasure was perceived in the Professional Realization, Freedom of Expression and Recognition, while suffering was measured in Occupational Exhaustion and Excessive Work Rhythm. Therefore, the priests experience forms of pleasure and suffering in the priestly work in the realization and recognition of the work they perform.

Keywords: *Priests. Pleasure and Suffering at Work. Psychodynamics of Work.*

1 Introdução

Frente ao processo da globalização no cenário contemporâneo, presenciam-se progressivas modificações nos mais diversos contextos de trabalho. O trabalho passa a ser influenciado por características ligadas à instabilidade, imprevisibilidade e flexibilidade, assumindo nova morfologia que se manifesta em configurações mutáveis, frágeis e adaptáveis aos mais diversos padrões de exigência (ANTUNES, 2014). Essa nova morfologia repercute, para além do âmbito econômico, político e cultural, no âmbito das relações sociais no trabalho que, face às configurações do cenário contemporâneo, constituem-se como possível fator iatrogênico para os trabalhadores, impactando diretamente na sua saúde mental (DEJOURS, 2015).

No contexto sacerdotal da Igreja Católica, essa realidade não é diferente, de modo que a eclosão do pensamento neoliberal, bem como as influências tecnológicas e governamentais dele decorrentes, intensificou um cenário de metamorfoses na sociedade como um todo, inclusive nas organizações religiosas (LOPES, 2015). Frente a esse cenário, a Igreja Católica vivencia o decréscimo de fiéis, o pluralismo de religiões, a migração de pensamento de cunho religioso, bem como a crise no ministério sacerdotal, causada especialmente pela secularização constatada na atualidade. Essa condição demanda certa adaptação dos religiosos, que, inseridos nessa conjuntura, precisam se reinventar e adaptarem-se às mais diversas atividades que são requeridas, e que demandam a busca de novas e diferenciadas estratégias, centradas no atendimento às demandas das instituições religiosas (STEIL; TONIOL, 2013).

Nesse contexto, a lógica do trabalho no contexto sacerdotal assume configurações da “gestão gerencialista”, a qual, na medida em que mobiliza o sujeito para gerir sua própria vida em relação ao trabalho, extrapola as fronteiras organizacionais, instigando a servidão voluntária e fazendo com que o trabalhador se sinta responsável tanto pelos resultados institucionais, quanto pelo seu próprio desempenho, exacerbando-se características da gestão de si (GAULEJAC, 2007). Inseridos nessa realidade e considerando que os padres ocupam posição estratégica de liderança nas organizações religiosas, uma vez que precisam influenciar e conduzir os fiéis e a comunidade a nortearem-se por princípios cristãos, entende-se que essas lideranças precisam fazer uso de competências específicas que deem conta de tais exigências.

Logo, o trabalho sacerdotal é permeado por diversas responsabilidades e atribuições, o que pode ser gerador de um desgaste excessivo. Sob tal perspectiva, exige competências e responsabilidades para além das tradicionalmente exigidas em

outras profissões, como a integridade ética e moral, comportamento exemplar, dedicação total, polivalência, amizade, saúde plena e empatia (PEREIRA, 2012). Além da prática do ministério sacerdotal, são incumbidos de funções assistenciais e gerenciais, políticas e educativas junto à comunidade, envolvendo-se em representações jurídicas, arrecadações financeiras, cuidados de bens e patrimônios, participação em reuniões e conferências, atualizações constantes, e educação dos membros da comunidade (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO). Em face dessas exigências e atribuições, na condição de líderes religiosos, não basta apenas executar o trabalho: eles precisam assegurar maior qualidade e eficiência à produção no seu trabalho, fato que vem acompanhado de longas jornadas de trabalho e de atividades variadas, e que demandam rapidez na tomada de decisões e proatividade constantes (MENDES; SILVA, 2006; STEIL; TONIOL, 2013).

Acresce-se a este panorama, o caráter vocacional que se interpõe no trabalho sacerdotal. Os padres dedicam-se à vida religiosa com coragem e idealismo, cultivando o benefício ao próximo, muitas vezes em detrimento de si mesmos. Entretanto, com o passar do tempo, sentem-se esgotados emocionalmente, diminuídos quanto à realização pessoal, desvalorizados, e até mesmo impotentes perante as expectativas não alcançadas. Essa conjuntura favorece um trabalho improdutivo, muitas vezes gerador de sintomas de desgaste e de crises de estresse, que podem desencadear o esgotamento do trabalhador, estando esses religiosos ainda mais vulneráveis a situações de estresse e desgaste emocional, e ao desenvolvimento de burnout, condição que pode assumir dimensões imensuráveis (JOHNSON *et al.*, 2011; PEREIRA, 2012; VALLE; BENEDETTI; ANTONIAZZI, 2004).

Esse contexto denota situações de vulnerabilidade que despertam a preocupação da Enfermagem e evidenciam a necessidades de cuidados para esses trabalhadores. Ao assumirem o papel de pessoas que estão sempre abertas à escuta e ao aconselhamento, os padres lidam com situações de envolvimento emocional, as quais, por vezes, colocam-nos como humanos com qualidades dignas de seres espirituais e onipotentes (BAPTISTA, 2014). Nessa condição, para não tornar visíveis suas próprias dificuldades, esses trabalhadores contam apenas com suas próprias defesas, submetendo-se às mais diversas condições de sofrimento psíquico, as quais, por conseguinte, conferem vazão às “patologias da solidão” e à “degradação do viver junto” (DEJOURS, 2015).

Em meio a tais explanações, justifica-se o desenvolvimento deste estudo, não só pela necessidade de desenvolvimento de pesquisas que visem ao aprofundamento de questões acerca dessa temática, mas também pelo fato de que essa população pode estar em situação vulnerabilidade, sofrimento e adoecimento, as quais, na maioria das vezes, são silenciadas. Além disso, desconhecem-se as iniciativas que ressaltam o cuidado à saúde dessa população.

Assim, ponderando o contexto investigado, suscitaram algumas questões, as quais norteiam o presente estudo: como esses padres se mobilizam para suas vivências de prazer e sofrimento, e quais estratégias de defesa utilizam para lidar com o sofrimento no trabalho? Assim, o objetivo deste estudo foi analisar os indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho de sacerdotes do Rio Grande do Sul.

2 Metodologia

Neste estudo, desenvolveu-se uma pesquisa de métodos mistos, quan+qual, com projeto convergente (CRESWELL, 2013). Teve-se, na realização do método misto, a expectativa de corroboração dos resultados, bem como de proporcionar um maior insight do problema de pesquisa, visto que os estudos de métodos mistos envolvem a triangulação de dados quantitativos e qualitativos.

A pesquisa foi desenvolvida no contexto sacerdotal da Igreja Católica. No Brasil, divide-se em regiões. O Estado do Rio Grande do Sul (RS) localiza-se na Região Sul 3, formado por 18 dioceses. Participaram do estudo os sacerdotes que atuam nessa região. Na primeira fase, abordagem quantitativa, buscou-se identificar os fatores de riscos de adoecimento no contexto do trabalho dos sacerdotes. A coleta de dados nessa fase deu-se entre os meses de setembro e novembro de 2017, sendo operacionalizada a partir da busca ativa na internet dos endereços de e-mail dos padres do RS, em sites das dioceses, que resultou em 930 e-mails. O instrumento foi estruturado e endereçado virtualmente aos sujeitos através de seus e-mails, com o auxílio do software SurveyMonkey.

Para tanto, utilizou-se a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST) que avalia os sentidos do trabalho e as representações relativas às vivências de prazer e sofrimento no trabalho. Essa escala compõe as quatro escalas que formam o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), instrumento desenvolvido e validado no Brasil por Mendes e Ferreira (2007). Além disso, aplicou-se um questionário desenvolvido pelos autores da pesquisa, com dados sociodemográficos e ocupacionais, com perguntas objetivas, referentes às variáveis: idade, formação, ordem sacerdotal, tempo de atuação, carga horária, número de afastamento do trabalho por doenças ocupacionais nos últimos dois anos, uso de álcool e tabagismo.

A segunda fase da pesquisa, abordagem qualitativa, deu-se pela necessidade de compreender os principais focos de análise da Psicodinâmica do Trabalho no contexto sacerdotal, sob diferentes aspectos subjetivos, uma vez que somente a fase quantitativa, embora essencial à exploração do contexto em análise, por si só, não responderia aos objetivos que se propuseram neste estudo. Coerente ao referencial teórico adotado neste estudo, utilizou-se, para essa abordagem, a entrevista clínica, por entender que, mediante uso desse dispositivo, o sujeito do trabalho encontra espaço para verbalização, sendo livre para expressar suas opiniões, ideias e contradições em relação ao trabalho. Nessa perspectiva, utilizou-se somente a questão disparadora: “fale-me um pouco sobre o seu trabalho como sacerdote”. Dado o início do diálogo, o pesquisador norteou seus questionamentos em exploração ao contexto de trabalho, à mobilização para o prazer e o sofrimento no trabalho, e às estratégias defensivas que desenvolvem para lidar com os percalços do cotidiano laboral. A escuta clínica, nesse processo de fala e de escuta, tem o intuito, portanto, de desvelar aspectos subjetivos do trabalhador em relação aos seus sentimentos com o trabalho, muitas vezes expressos no não dito, ou mesmo no vazio das suas respostas (GHIZONI; MENDES, 2014).

Escolheu-se, para essa etapa, uma dentre as 18 dioceses do RS. Os participantes foram abordados pelo critério de conveniência, considerando a dificuldade de acesso a esses sacerdotes. Foram convidados inicialmente 20 sacerdotes dos 116 atuais na diocese selecionada para o estudo. Eles foram contatados individualmente por telefone, observando-se que oito se recusaram a participar, alegando falta de tempo e incompatibilidade de agenda dentre os horários destinados à realização das entrevistas. Houve ainda uma desmarcação e uma desistência após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dessa forma, participaram dessa fase da pesquisa 10 sacerdotes, os quais atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa: ocupar a função de pároco; e de exclusão: ordenação sacerdotal menor de um ano. Com esses, foram agendados horários conforme a disponibilidade de cada sacerdote, sendo as entrevistas realizadas nos municípios em que atuam, em seus respectivos locais de trabalho, cada qual com duração média de 40 minutos. As entrevistas ocorreram entre os meses de outubro e novembro de 2017 e foram gravadas em áudio, com equipamento digital, sendo posteriormente transcritas na íntegra.

Os procedimentos de análise dos dados ocorreram de modos distintos, de acordo com a fase de coleta de dados. Em análise aos dados quantitativos, eles foram transportados para o programa SPSS, versão 21.0. Foi utilizada análise estatística descritiva por média e desvio padrão, e analítica, na qual se calculou o Alpha de Cronbach para verificar a confiabilidade das escalas utilizadas e coeficientes de correlação de Spearman. As variáveis categóricas foram descritas por frequências absolutas e relativas. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$). Já as informações obtidas na segunda fase da pesquisa foram analisadas à luz da Análise da Psicodinâmica do Trabalho (APdT), proposta de análise desenvolvida por Mendes e Araújo (2012). Nessa fase, as informações foram estruturadas em três eixos de análise: I) Organização do trabalho prescrito e o real do trabalho; II) Mobilização subjetiva; III) Sofrimento, defesas e patologias. Essa estruturação foi fomentada pelas transcrições dos diálogos propiciados pela entrevista clínica. As falas foram editadas e organizadas obedecendo à classificação dos eixos e o desenvolvimento de seus respectivos temas. Para tanto, contou-se com o auxílio do software NVivo 10.

Ao final, com vistas à proposta de triangulação dos dados, realizou-se a integração dos dados quantitativos e qualitativos, de maneira a permitir a complementação de ambas abordagens, e, conseqüentemente, um retrato mais fidedigno do fenômeno analisado.

Em observância às diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos, os sujeitos da pesquisa assinaram um TCLE, consentindo sua participação. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), obtendo alvitre positivo, CAAE: 71469717.9.0000.8135.

3 Resultados

A amostra da abordagem quantitativa foi composta por 91 sacerdotes do RS. Em termos demográfico-ocupacionais, os sujeitos pesquisados caracterizam-se em

sua maioria como padres na função de pároco (68,25%), e como vigários paroquiais (33,57%). Em relação à ordem sacerdotal, 68,25% são diocesanos e 31,75% de congregação religiosa. Destes, 48,4% possuem somente formação necessária à ocupação, graduação em Teologia e Filosofia. Quanto aos demais, 22 % são especialistas, 23,1% são Mestres, 4,4% são Doutores, e 2,2% são Pós-Doutores. Referente ao vínculo com a instituição, são em sua maioria efetivos (84,2%), mas também são substitutos/visitantes (2,2%), ou mesmo possuem outros tipos de vínculos, como coordenador, professor, formador, entre outros (15,4%). Em geral, esses padres encontram-se com idade média de 42,9 ($\pm 10,6$) anos.

Referente ao número de afastamentos do trabalho por motivos de doença, em geral, esses trabalhadores afastam-se entre uma a três vezes, considerando os dados dos últimos dois anos (18,7%). Outros se afastaram por mais de três vezes (2,2%), mas a maioria não informou nenhum afastamento do trabalho (79,1%). Com relação ao uso de álcool e tabaco, a maioria desses padres nunca experimentou o tabaco (65,9%), entretanto fazem uso de álcool socialmente (68,1%). Alguns fazem uso de tabaco somente de modo ocasional e/ou em situações de estresse (7,7%), outros referem o uso de álcool de modo regular (5,5%), mas somente uma minoria considera-se fumante (2,2%). Há também aqueles que apenas experimentaram o tabaco (17,6%), ou que são ex-tabagistas (6,6%), ou mesmo que não fazem uso de álcool (23,1%).

Para aferir os resultados da pesquisa, o modelo teórico utiliza referências que indicam como devem ser avaliados os resultados encontrados em cada um dos fatores, de acordo com as escalas em que eles se agrupam, conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Referência para avaliação das escalas EIPST, Taquara, Rio Grande do Sul, Brasil, 2017

Escalas	Índice	Avaliação	
Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho		Acima de 4,0	Mais positiva (Satisfatório)
	Fator positivo	Entre 3,99 e 2,1	Moderada (Crítico)
		Abaixo de 2,0	Mais negativa (Grave)
	Fator negativo	Acima de 4,0	Mais negativa (Grave)
		Entre 3,99 e 2,1	Moderada (Crítico)
		Abaixo de 2,0	Mais positiva (Satisfatória)

Fonte: Adaptado de Mendes e Araújo (2012).

Na Tabela 2, apresentam-se, em síntese, as avaliações dos domínios da Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST).

Tabela 2 – Distribuição dos escores dos sacerdotes que atuam no Rio Grande do Sul nos domínios da Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST). Taquara, 2017.

Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho	Classificação de risco			Alfa de Cronbach	Média	DP*
	Grave	Crítico	Satisfatória			
Liberdade de Expressão (itens 1 a 8)	31,9 %	53,8 %	14,3 %	0,90	3,77	0,74
Realização Profissional (itens 9 a 17)	7,7 %	79,1 %	13,2 %	0,80	4,11	0,48
Esgotamento Profissional (itens 18 a 24)	37,4 %	52,7 %	9,9 %	0,89	2,49	0,69
Falta de Reconhecimento (itens 25 a 32)	14,3 %	61,5 %	24,2 %	0,91	2,16	0,69

Fonte: Dados da pesquisa.

*DP (desvio-padrão).

No que tange às vivências de prazer e sofrimento no trabalho, os padres consideram que encontram em seu trabalho fonte de prazer, em geral, manifestas em situações de liberdade de expressão (3,77) e que favorecem a sua realização profissional (4,11). Os resultados mostram que esses padres encontram satisfação com o trabalho (3,96), o que pode estar associado à liberdade para expressar suas opiniões no local de trabalho (3,92) e/ou para falar sobre o trabalho com os colegas (3,88). Além disso, os mesmos consideram que se identificam com as tarefas que executam (4,24), e, com isso, sentem orgulho (4,43) e realização profissional (4,30) pelo que fazem.

Não obstante, vivenciam situações de sofrimento no trabalho em geral, relacionadas à falta de reconhecimento (2,12) e ao esgotamento profissional (2,49). De acordo com os resultados, esses padres experienciam situações que denotam a falta de reconhecimento pelo seu empenho (2,48), o que pode ser acompanhado de sentimento de indignação (2,42) e de desvalorização (2,28). O sofrimento é reforçado em situações nas quais vivenciam situações de estresse (2,66) e esgotamento emocional (2,68), de modo que esses trabalhadores se veem sobrecarregados (3,11).

A Tabela 2 apresenta a associação entre os fatores da escala. São exibidos os coeficientes de correlação de Spearman significativos e, com esses resultados é possível verificar quais fatores estão associados, evidenciou-se que a maior parte dos fatores apresentou correlações significativas.

Tabela 2 – Coeficientes de correlação de Spearman ($p < 0,05$). Taquara, Brasil, 2017.

		FR	EP	RP	LE
EIPST	FR	-	-	-	-
	EP	0,776***	-	-	-
	RP	-0,548***	-0,542***	-	-
	LE	-0,563***	-0,475***	0,629***	-

Fonte: Dados da pesquisa.

LE = Liberdade Expressão; RP = Realização; Profissional; EP = Esgotamento Profissional; FR = Falta de Reconhecimento; DF = Danos Físicos; Danos Sociais; Danos Psicológicos; * $p < 0,05$; ** $< 0,01$; *** $< 0,001$

Todos os domínios se relacionam, demonstrando a relação existente entre os domínios que avalia os indicadores de prazer e adoecimento no trabalho. Percebeu-se forte e direta correlação positiva entre o domínio Falta de Reconhecimento e Esgotamento Profissional ($r=0,776$; $p < 0,001$), e negativo entre a Falta de Reconhecimento e Liberdade de Expressão e Realização Profissional ($r=-0,563$; $r=-0,548$; $p < 0,001$).

Entre os entrevistados, todos tinham idade entre 31 e 65 anos, identificados com a letra S de sacerdote seguindo de um número arábico conforme a sequência das entrevistas (exemplo S1, S2, S3). No Quadro 1, inserido na próxima página, são apresentados os resultados referentes ao primeiro eixo, que contemplou informações relacionadas à organização do trabalho no contexto sacerdotal, em abordagem aos seguintes aspectos: conteúdo das tarefas, condições de trabalho, relações socioprofissionais, normas e controles, hierarquia, gestão e comunicação.

Os resultados revelam que a atuação do sacerdote no ministério sacerdotal demanda múltiplas habilidades devido ao seu envolvimento com diversas atividades que perpassam ao seu cotidiano de trabalho e que não se limitam ao prescrito. Para lidar com o excesso de trabalho constante e corresponder e atender às exigências necessárias para o desenvolvimento do seu trabalho, eles precisam gerenciar seu tempo constantemente, bem como os recursos necessários à manutenção e sustentabilidade da paróquia. Nesse ritmo, lançam mão de proatividade, disciplina, envolvimento político, afetivo e espiritual, assumindo para si a responsabilidade pelos ganhos e perdas decorrentes da sua gestão.

Além disso, os padres demonstram que as relações sociais que se estabelecem no contexto sacerdotal, embora guardem em si interações com as pessoas da comunidade e que confiam neles, muitas vezes escondem uma realidade de solidão, desamparo, individualismo, falta de escuta e de suporte. As verbalizações ilustram o contexto de trabalho sacerdotal, em análise às suas dimensões: condições e organização do trabalho e relações sociais no trabalho.

Quadro 1 – Temas e verbalizações sobre o I eixo a organização e condições do trabalho.

CONTEXTO DE TRABALHO SACERDOTAL	
Tema	Verbalizações
<p>Organização do trabalho</p> <p>Condições de trabalho</p> <p>Relações sociais no trabalho</p>	<p>S1 – [...] o padre passa também aflições e dificuldades numa paróquia. Muitos bispos, a maioria, não estão muito preocupados com isso. Não dão muito assessoria. [...] mesmo que o padre esteja passando uma aflição, não há uma busca, não há apoio, não há uma procura.</p>
	<p>S2 - A paróquia tem nos dado, tenho trabalhado pra isso, é meu oitavo ano aqui, já peguei paróquia a com certa estrutura e conseguimos manter. E toda questão das redes sociais [...], recursos nós temos. Temos bons recursos para utilizar.</p>
	<p>S3 - O tempo, ele é muito complicado, que na verdade, mesmo que você tenha uma agenda, eu tento fazer e sou muito disciplinado nisso e, mesmo que você tenha agenda às vezes é complicado que, tem os percalços, né?</p>
	<p>S4 - Não há essa harmonia entre os padres e, a gente nota que falta cabeça e, por isso vemos muitos padres doentes [...] falta aquele que escuta. Porque tu tens que escutar na paróquia, mas quem escuta você? [...] quando alguém entra em crise, todo mundo se isola em vez de ir ao encontro</p>
	<p>S5 - Olha, a questão administrativa exige muito da gente. Porque tu tens que dar sustentabilidade a uma estrutura muito grande. Então, eu estou ligado na minha atividade, aí pensando: “bah, tenho que arrumar dinheiro para pagar funcionários, décimo e férias”. Isso sobrecarrega. É um mal necessário.</p>
	<p>S6 - Eu, incansáveis vezes que saí até de madrugada, ou tarde da noite para atender um doente [...] “Mas agora não está no meu horário. O meu horário acabou seis da tarde.” Não! Aí entra essa dimensão mais ministerial. Na verdade, na sociedade civil é como se fosse um autônomo. Não é essa a nossa visão.</p>
	<p>S9 - Além de fazer o trabalho de padre, tem que fazer também, se preocupar em resolver os problemas, seja da matriz ou das capelas [...] estou endividado, a paróquia está endividada.</p>
	<p>S10 - [...] tu já se planejas: reunião, uma coisa e outra. A agenda sempre está junto, pedem alguma coisa sempre tenho que olhar para ver se tem espaço</p>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

O segundo eixo apresenta dados sobre o significado do trabalho, a importância que os sacerdotes atribuem ao seu trabalho, do que eles mais gostam em relação ao seu trabalho e que os mobilizam para as vivências de prazer.

Quadro 2 – Temas e verbalizações sobre o II eixo a mobilização para o prazer e sofrimento no trabalho

MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA: PRAZER E SOFRIMENTO NO SACERDÓCIO	
Temas	Verbalizações
Significado do Trabalho	<i>S1 - É um significado sobrenatural, porque é a minha vida. Eu não faço outra coisa. Ai entra uma questão de doação, há uma entrega. Eu me esforço nessa entrega com a comunidade.</i>
Importância atribuída ao Trabalho	<i>S3 - Nas reuniões mensais que os grupos de padres têm. Ali é uma forma também da gente encontrar solução. [...] essas reuniões de áreas são acima de tudo essenciais para nós. Como ponto motivador para a caminhada. Algo que a gente vai um ao outro se motivando.</i>
Prazer no Trabalho	<i>S4 - [...] a gente nunca pode esquecer que como sacerdote você tem uma responsabilidade muito grande. Que a pessoa vem, confia e se entrega a você. Então você tem que ter um substrato, que eu chamo de substrato de uma espiritualidade muito séria e autêntica, antes de se julgar a ação.</i>
Reconhecimento do Trabalho	<i>S6 - Ajudar os outros a se realizar, a sentir feliz e, saber que de alguma forma com o meu sacerdócio eu posso estar colaborando para fazer a vida dos outros melhor. [...] É na realização do outro que se encontra também a nossa realização.</i>
Espaços de discussão	<i>S7 - Só isso já me basta. Saber que há um reconhecimento pelo simples fato de eles estarem aqui, de eles virem aqui, se encontrem [...]. Isso é o maior gesto que eu vejo.</i>
Cooperação	<i>S9 - O pároco é colocado lá e aí..É exigido muito. Eu acho que a diocese deveria se preocupar um pouquinho mais. Porque o bispo sabe da realidade de cada paróquia. Mas às vezes é indiferente. [...] Entre os padres, há essa colaboração, olha eu preciso de você vir me ajudar e tal. Estou em uma situação difícil há essa colaboração entre nós graças a Deus.</i>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

O terceiro eixo apresenta dados sobre as vivências de sofrimento as defesas e os sintomas físicos relacionados ao trabalho, em que se investigou a falta de reconhecimento, a sobrecarga, a falta de liberdade e autonomia, a relação entre vida pessoal e profissional e as defesas contra o sofrimento.

Quadro 3 – Temas e verbalizações sobre o III eixo sofrimentos e obstáculos enfrentados no cotidiano do trabalho

SOFRIMENTO, DEFESAS E ADOECIMENTO NO TRABALHO SACERDOTAL	
Temas	Verbalizações
Sufrimento vivenciado no trabalho	<p>S3 - <i>Tu ver o sofrimento do outro e não poder ajudar. Esse eu acho que é o maior sofrimento nosso. Tem sofrimentos que força nenhuma pode resolver. Então, basta não sofrer junto. Acho que é um pouco isso.</i></p> <p>S4 - <i>Às vezes um pouco essa intolerância de colegas, de bispos. Isso me irrita. Porque parece assim que mais que outras coisas, são ciúmes, porque não conseguem ser a mesma coisa. E normalmente quem ataca é porque é inseguro.</i></p>
Obstáculos difíceis de serem enfrentados	<p>S1 - <i>Tem várias coisinhas pequenas, tipo, às vezes o padre é alvo de comentários, de fofocas, coisas que a gente nem imagina e quando a gente vê, estão falando por aí. [...] E pessoas maldosas, quando tem pessoas maldosas, isso é bastante insuportável. Seja fazendo comentários ou se aproxima do padre com maldade também. Isso também tem em qualquer Igreja, em qualquer religião do mundo.</i></p> <p>S9 - <i>[...] não gosto de fazer enterro, mas tem que fazer bem o enterro. É um momento de dor... imagina, aqui tem muitas mortes violentas. Mas tu tem que fazer, é tua obrigação fazer. Não que eu gostaria de fazer. Ou visitar uma pessoa que está na fase terminal. Padre vai lá, dá a unção, a comunhão. Não gostaria de estar lá, mas tenho que fazer.</i></p>
Estratégias de defesa	<p>S5 - <i>No momento que as coisas estão acontecendo, elas sempre te afetam. Agora assim, depois que a pessoa saiu tu procurar não ficar mastigando aquilo. Então, a partir do momento que eu parto para uma solução... Tu escutas o desabafo da pessoa, deixa a pessoa descarregar.</i></p> <p>S8 - <i>[...] quando estou diante de uma situação, eu não posso trazer a minha opinião, mas a opinião da Igreja. Eles vieram não para saber a opinião do padre, mas da Igreja. E aqui é onde tu tens que separar, o que é a minha opinião pessoal, e o que é a posição da Igreja diante desse assunto.</i></p>
Sintomas de adoecimento relacionado ao trabalho	<p>S1 - <i>Agora há duas ou três semanas, eu vinha vindo com certo problema de náuseas. Uma semana que foi bem sobrecarregada, no final de semana acentuou mais ainda, eu quase passei mal com náuseas e vômitos. E tudo indica que o estresse, essa falta de tempo, de quase que horários em cima de horários, isso agrava mais ainda. Talvez um pequeno problema de estômago já piore bem mais. Já tive problemas também com isso (alimentação), que minha natureza é de estresse forte, de aflição. E aí também tive coisas pessoais, até perdas na família. Então entra quase que um momento de depressão.</i></p> <p>S7 - <i>Um pouco o estresse, o esgotamento corporal e mental também. Quando há sobrecarga... O meu cansaço mental leva a um pouco de aflição.</i></p>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

A seguir, apresentam-se os resultados das duas abordagens utilizadas no estudo, sistematizados em arranjo integrado que favorece a visualização geral dos dados e potencializa os insights sobre o processo analítico de interpretação. Assim,

no Quadro 4, tem-se uma síntese representativa desses achados, em que, do lado esquerdo, mostram-se os domínios que compõem o ITRA; ao centro, os resultados mais significativos a partir dos escores quantitativos obtidos por meio do instrumento de avaliação; ao lado direito, apresentam-se os dados qualitativos que ilustram as percepções dos participantes nas entrevistas clínicas sobre estes aspectos do ITRA.

Quadro 4 – Citações dos participantes das entrevistas clínicas relacionadas aos fatores das escalas que compõem o ITRA que receberam os escores mais significativos.

Fatores do ITRA	Resultados quantitativos	Resultados qualitativos
Organização do Trabalho	Escore 3,00 (Moderado crítico)	<p>“Isso tudo é o lado espiritual [...]é a prática do ministério. A questão administrativa, a maioria das pessoas não faz nem ideia, mas que tiram muito tempo e, é uma parte bem preocupante[...] em vários casos estressa muito os padres. Em alguns casos ajudou até na desistência de alguns padres”</p> <p>“O trabalho como presbítero, missas, atendimentos, isso aqui é um trabalho que a gente faz porque a gente gosta, a gente se preparou para isso. O que cansa, é essa correria, das atividades, que chega de noite tu está um pouco exausto”</p>
Ritmo de trabalho excessivo	Escore 3,59 (Moderado crítico)	“Eu incansáveis vezes saí até de madrugada, ou tarde da noite para atender um doente, por exemplo. Dar uma unção dos enfermos”
Falta apoio das chefias para o desenvolvimento profissional	Escore 2,43 (Moderado crítico)	<p>“Se está tudo bem, mesmo que o padre esteja passando uma aflição, não há uma busca, não há apoio, não há uma procura”</p> <p>“Apoio muito pouco. É colocado lá de pároco lá e... “cumpre a sua missão”</p>
Custo cognitivo	Escore 3,74 (Negativo grave)	<p>“As dificuldades você tem que ter uma estrutura somática, psíquico, afetiva, social, religiosa. Aí está o suporte. Se você tem isso? Pronto”</p> <p>“até digo pra eles, o padre é um ser humano, se vocês virem alguma coisa que fiz errado aqui, não fiquem falando por aí, venham conversar comigo”</p> <p>“Se for um padre mais introspectivo, ele pode entrar numa depressão, coisa assim, porque tem pessoas que pegam tudo pra eles. E o padre tem que ser assim... na verdade o padre deveria ser aquele homem que tem um escudo na sua frente, para escutar, para falar e não deixar que as coisas de fora penetrem nele. Caso contrário, ele não vai conseguir dar conta. Que são muitas cargas que as pessoas jogam em cima de nós”</p>

(Continua)

Fatores do ITRA	Resultados quantitativos	Resultados qualitativos
Custo Físico	Score 2,89 (Moderado crítico)	“Eu fazia bastante esporte, depois parei de fazer e, com essa parada, veio pressão alta, veio diabetes, um monte de coisas assim. E eu tive um problema de coração, precisei fazer dois stents no coração. E agora a gente está sob uma vigilância, de remédios. Isso pode ser um pouco decorrente desse acúmulo de trabalho. Apesar de que a gente não sente, o corpo sente”.
Esgotamento Profissional	Score 2,87 (Negativo grave)	“Mas que faz sofrer muitas vezes são os conflitos, a gente lidar com pessoa”. “Tem dias que a sobrecarga é carga mesmo. Eu sinto até no corpo. Reações do corpo até. Tem dias que é mais aliviado, mas tem dias, cansaço é quase que corriqueiro”.
Realização profissional	Score 3,95 (moderado crítico)	Me faz muito bem ser padre. Estou feliz. Acho que o significado maior é ser feliz. [...] essa é a missão da gente. Eu me sinto recompensado por isso e, sinto que estou cumprindo com minha missão.
Danos sociais	Score 2,15 (Negativo grave)	“Não, para mim não. Eu acho que até ajuda. Reforça ainda” “Não tenho muita dificuldade. Eu visito meus amigos, visito meus pais. Sempre estou presente. Não tenho dificuldades” “Foi uma questão não de trabalho mas familiar chegou lá em casa da minha mãe queria mais a minha presença já estava meia doentinha e isso me abalou”.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

A análise conjunta da interconexão dos dados permite inferir que as informações e as reflexões dos participantes nas entrevistas clínicas dão suporte e confere validade aos resultados obtidos através da análise estatística do ITRA. Assim, demonstra-se a importância da abordagem conjugada para estudar e compreender os diversos fatores de prazer e sofrimento dos sacerdotes, um fenômeno multifacetado relacionado à saúde desses trabalhadores.

4 Discussão

O sacerdote envolve-se com diversos tipos de emoções em seu cotidiano laboral, desde alegria e realizações a sofrimentos e tristezas. Entretanto, comumente, realizam atendimentos aos paroquianos que apresentam vários problemas, envolvendo-se em situações de falecimento, doença terminal, álcool, dificuldades conjugais e familiares e abuso físico e sexual, condições evidenciadas a partir das entrevistas. Em estudos sobre o clero, há evidências de que o clero é mais frequentemente abordado por ajuda e consolo em tempos de sofrimento ou trauma psicológico do que conselheiros ou profissionais de saúde mental (KINMAN; MCFALL; RODRIGUEZ, 2011). Dessa forma, esses sujeitos recebem grande demanda emocional, que, por vezes, afeta diretamente o seu bem-estar emocional e físico, ao se sentirem exaus-

tos, com peso advindo da realização do trabalho.

Além disso, Kinman, Mc Fall e Rodriguez (2011) referem que essas demandas emocionais, em geral, estão relacionadas a percepções de regras de exibição emocional derivadas do próprio papel do trabalho, uma vez que o clero tem a obrigação de demonstrar simpatia e preocupação, sendo submetido a mascarar a frustração ou o tédio. As exigências emocionais também abrangem o grau de atenção às regras de exibição emocional, bem como a variedade, frequência e intensidade das emoções exigidas pelo papel do trabalho.

A avaliação da Escala de Prazer e Sofrimento no Trabalho apresentou-se no geral com moderado crítico. Sabe-se que o trabalho pode ser fonte de prazer como de sofrimento, ambos são sentimentos inerentes à pessoa humana, ou seja, o prazer e o sofrimento não podem ser considerados nulos em relação ao indivíduo (DEJOURS, 2004). O prazer no trabalho dos sacerdotes foi constatado especialmente pela realização pessoal, no encontro com ser Divino, com sua espiritualidade. Também se sentem realizados quando há o reconhecimento das pessoas pelo seu trabalho, assim como quando conseguem ajudá-las. Por outro lado, sentem-se frustrados quando não conseguem ajudar o próximo quanto acha necessário.

Na pesquisa realizada por Pinto (2012), tem-se que, embora esses sacerdotes se dediquem à vida religiosa com coragem e idealismo, encontrando sentido no trabalho na vocação e realização daquilo que fazem, relacionado muitas vezes à questão da missão divina; carregam o peso da autoimagem, por serem vistos e tratados como seres sobre-humanos, dos quais sempre se espera mais do que se deveria. Com o passar do tempo, sentem-se diminuídos quanto à realização pessoal, bem como desvalorizados e impotentes frente às expectativas inalcançáveis. Isso faz com que estes se tornem esgotados emocionalmente e impossibilitados de recuperar as motivações e forças espirituais iniciais, podendo gerar sinais e sintomas de adoecimento (PEREIRA, 2012).

Nessa perspectiva, quando avaliados os padres do RS em relação ao domínio realização profissional, constatou-se situação crítica por apresentar escores moderados para os itens avaliados. Os fatores evidenciados com o prazer no trabalho através das entrevistas estão diretamente relacionados aos resultados apresentados no ITRA. Dentre esses, os sacerdotes verbalizam orgulho pelo trabalho que desenvolvem, demonstram identificação com as tarefas que realizam, expressam gratificação pessoal, e anunciam a sensação de bem-estar, de satisfação e de realização profissional.

Para Duarte e Mendes (2015), uma forma de retribuição pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência no trabalho é expressa através reconhecimento. Quando o trabalhador se sente reconhecido, ele se percebe aceito, admirado, dispondo de liberdade para expressar sua individualidade nas diversas situações de trabalho, e, assim, encontra no trabalho um espaço de constituição de si, de expressão, e não somente de produção para sobrevivência.

O domínio liberdade de expressão também é classificado como fonte de prazer no trabalho dos sacerdotes, mas os itens foram avaliados como moderado-crítico. Os itens com melhor classificação estão relacionados à liberdade para expressar suas opiniões no ambiente de trabalho, liberdade para falar sobre suas tarefas com cole-

gas, e liberdade para expor a criatividade. Essa avaliação é corroborada pelas falas constantes nas entrevistas, as quais referem que estes sacerdotes sentem autonomia para a realização de suas tarefas. Entretanto, consideram fonte de sofrimento quando precisam lidar com situações rígidas em que as normas e controles são impostos de maneira pouco flexíveis, e que, mesmo quando não concordam, não podem expor suas opiniões, estão ali para seguir e cumprir aquilo que colocado.

Ademais, os domínios que remetem ao sofrimento no trabalho dos sacerdotes foram classificados como críticos. O esgotamento profissional classificado como crítico vem do reconhecimento das vivências desgastantes no trabalho. Foram avaliados como mais graves nesse domínio o esgotamento emocional e o estresse, principalmente pela sobrecarga no trabalho. Além disso, os resultados apontam insegurança e medo como fatores que causam sofrimento. Em outros estudos realizados com presbíteros (PINTO, 2012; PEREIRA, 2012; MÉZERVILLE, 2017), são evidenciados riscos em potenciais de adoecimento desses trabalhadores, em geral relacionados com a síndrome de burnout, colocada pelos autores com a “síndrome do bom samaritano desiludido por compaixão” relatam que os presbíteros reclamam da sobrecarga de trabalho, muitas vezes burocrático e repetitivo, e o pouco retorno afetivo.

Demonstram ainda as frustrações no contato com os paroquianos e insucessos pastorais, além de dificuldades de convivência entre os próprios sacerdotes, marcadas por rivalidades explícitas ou camufladas, bem como a busca de prestígio e de paróquias ricas. Também apontam que as distribuições de funções e cargos na diocese nem sempre se baseiam no princípio da justiça, pautadas pelas relações socioprofissionais (PINTO, 2012; PEREIRA, 2012; MÉZERVILLE, 2017).

Para o domínio falta de reconhecimento, ganharam destaque os itens: falta de reconhecimento do meu empenho, indignação e desvalorização. Nas entrevistas foi possível observar que esses fatores se relacionam à falta de reconhecimento do trabalho por parte dos superiores, assim como a desvalorização. Relatam que são procurados somente quando acontecem coisas ruins, e geralmente não procuram saber a causa do problema, somente se esse foi resolvido. Também são evidenciados na relação com esse domínio: falta de cooperação dos colegas, justificado pelo número reduzido dos sacerdotes para suprir as demandas necessárias; e forte individualismo entre os padres, ilustrados na criação de pequenos grupos de afinidades, que se ajudam quando há necessidade e precisam de colaboração. A cooperação seria importante, na perspectiva dejouriana, uma vez que trabalhar não é somente produzir, mas também viver junto. Assim sendo, supõe a mobilização da vontade dos trabalhadores para mediar os conflitos e desacordos sobre as maneiras de trabalhar, e, deste modo, a organização real do trabalho evolui em função do coletivo que modula o processo de trabalho.

Consideram-se, mediante abordagem clínica a esses sujeitos, que os mesmos se utilizam de estratégias defensivas do tipo negação e racionalização. Estas estratégias não permitem a reflexão, mas é o que protege a saúde mental destes trabalhadores contra a descompensação, embora não causem mudanças na organização do trabalho. Por vezes, os sacerdotes, inconscientemente, acabam criando estratégias de defesas para se prevenirem dos elementos desestabilizadores do trabalho. Ocul-

tam seus reais sentimentos diante das pessoas, colegas e superiores. Afastam-se da realidade das situações com pensamentos pré-formulados frente às demandas apresentadas. Também negam ou evitam falar, ou negam situações que lhes proporcionam algum tipo de constrangimento.

As estratégias defensivas visam evitar o sofrimento, muitas vezes inconscientemente, sendo difícil o confronto e a convivência com o mesmo para a manutenção do equilíbrio psíquico, buscando-se no ego a proteção contra os conflitos encontrados na base do sofrimento. Assim, o sofrer não é estado emocional estático e permanente na vida do trabalhador, mas um processo dinâmico que se estende às demandas interligadas ao indivíduo e à organização (MENDES; ARAÚJO, 2012)

O funcionamento dessas estratégias contribui para tornar aceitável aquilo que não deveria ser e pode funcionar como armadilha que insensibiliza contra o que causa sofrimento. Além disso, permite, às vezes, tornar tolerável o sofrimento ético, e não mais apenas o psíquico, entendendo que o sofrimento resultante de um mal padecido pelo indivíduo é o que ele pode experimentar ao cometer atos que o condenem moralmente.

Por essas razões, a circulação da palavra nos ambientes de trabalho é fundamental. A criação de espaços de discussão representa um caminho para a identificação de estratégias de defesa. Estes espaços possibilita o trabalhador ampliar sua percepção sobre o trabalho, o que favorece o processo de emancipação.

5 Conclusão

Mediante as reflexões apresentadas, que ilustram os modos de trabalhar no contexto sacerdotal, desvelou-se que as configurações da organização do trabalho exigem constantemente a utilização da inteligência prática destes coordenadores, que se mobilizam, e engajam-se no planejamento, organização e desenvolvimento de ações em prol da comunidade, assumindo tarefas para além do prescrito. Na travessia entre o prescrito e o real, os sacerdotes precisam se (re)inventar a todo momento, acrescentando estratégias às regras e às prescrições para atingir os objetivos que lhes foram confiados. Tais condições e exigências impactam na saúde mental desses trabalhadores, podendo culminar em situações de sofrimento e adoecimento que, na maioria das vezes, não são reconhecidas pelo próprio sacerdote e por outros, sendo, inclusive, incompreendidas pelas demais pessoas de seu convívio, o que endossa a culpa e responsabilidade destes sacerdotes pelo próprio sofrimento.

A Psicodinâmica do Trabalho defende que, embora o sofrimento seja inerente ao processo laboral, os sentimentos de prazer e sofrimento são gerados a partir das formas de organização do trabalho e do modo como os trabalhadores enfrentam as situações positivas e negativas decorrentes do contexto de trabalho por meio das estratégias defensivas. A partir da Escala de Indicadores de Prazer e sofrimento no Trabalho e das entrevistas clínicas desenvolvidas para o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível identificar a dinâmica prazer-sofrimento que permeia o contexto de trabalho destes sacerdotes, bem como os elementos que influenciam tais sentimentos.

Os resultados respondem aos objetivos propostos neste estudo, e desvelam a dinâmica saúde-adoecimento que permeia o contexto de trabalho dos sacerdotes da Igreja Católica no RS, a qual aponta para a necessidade de cuidados de saúde a esta população trabalhadora, uma vez que o discurso da vocação para o clero favorece um quadro de passividade, aceitação e normalidade diante das adversidades que se manifestam no real do seu trabalho. Do mesmo modo, no âmbito das suas relações sociais, especialmente a comunidade cristã, ao vislumbrá-los como “super-heróis”, endossam a condição de pessoas que não sofrem, não adoecem e que por terem a proteção Divina, não precisam de atenção à saúde.

Essa condição é preocupante e merece visibilidade, reflexão e ação, pois se configura situação de negligência de atenção à saúde. No momento em que há evidências significativas de que essa população beira o adoecimento e que já apresenta sinais e sintomas de patologias do trabalho, mesmo que ainda não diagnosticadas, precisam ser associadas ao trabalho e consideradas em sua essência. É urgente que os profissionais e serviços de saúde estejam atentos para essa realidade, não no sentido assistencialista da promoção da saúde, mas no sentido de construir com esses sacerdotes uma boa vinculação que assegure um primeiro atendimento e que garanta a estes que ali sempre terão uma porta aberta. Para além de cuidados técnico-assistenciais, o atendimento a esses trabalhadores demanda um efeito terapêutico imediato, fundamentado na escuta clínica, e que primeiramente os façam sentir que não estão sozinhos nesta situação. Demanda a criação de espaços públicos de discussão, em que se sintam à vontade de falar sobre os percalços do seu trabalho, pois, claramente, muitas das patologias que os acometem são decorrentes da organização do trabalho.

Não é possível que esses trabalhadores continuem sendo atendidos somente quando recorrerem aos serviços de saúde para tratarem de manifestações psíquicas provocadas pelo trabalho, mas sem que haja qualquer suspeita dessa relação, pois, do contrário, estarão sempre mascarando o real diagnóstico e a real causa do seu adoecimento. A organização do trabalho no contexto sacerdotal, mesmo com a consagração que permeia esse cenário, e que guarda em si estreita relação com o prazer, a satisfação, o reconhecimento e a realização, também é influenciada pelas configurações contemporâneas do mundo do trabalho, e com isso, sutilmente adere a mecanismos de gestão atuais, os quais, em sua perversidade, expõem os sacerdotes a situações de constrangimento, sofrimento e adoecimento no trabalho.

Embora o estudo apresente em suas limitações o número de respondentes, o qual não permite tecer generalizações, questiona-se até que ponto esses se sentem confortáveis em responder a questões que podem comprometer a condição de “virilidade” desses ante o sofrimento, uma vez que precisam ser fortes e dar força para outros? Questiona-se, ainda, a baixa adesão às escutas clínicas nesta pesquisa e os porquês de alguns desses trabalhadores, de certo modo, temerem falar sobre aquilo que os faz sofrer. Será que têm receio de retaliações? Ou será que nós profissionais de saúde não estamos preparados para abordá-los como trabalhadores que são? Ou mesmo as duas alternativas? Ou serão outras possibilidades?

Mesmo que essa seja mais uma limitação deste estudo, reforça a necessidade de maiores aprofundamentos e intervenções a este público, pois não só as evidên-

cias deste apontam para a necessidade de uma intervenção imediata, como também as informações disseminadas na mídia e que expõem situações de síndrome do pânico, depressão, cânceres, suicídios entre padres revelam que esses trabalhadores encontram-se em sofrimento psíquico e não estão sendo identificados como tal, o que os coloca em situação de risco e adoecimento psíquico. Acredita-se que essas e outras questões precisam de intervenção imediata. É importante compreender que essa discussão é urgente e que não se trata de produzir apenas respostas genéricas sobre a saúde do trabalhador desta população, mas de interferir em um ciclo adoecedor e que culturalmente é encarado com normalidade, quando endossamos o discurso da vocação como uma justificativa para a servidão voluntária, sem considerar a dinâmica saúde e adoecimento mental desses trabalhadores.

Referências

ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho nos Brasil. *Estudos Avançados*, v. 28, n. 81, p. 39-53, 2014.

BAPTISTA, Fernanda Siqueira. *Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos cristãos*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2014.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*, São Paulo: Cortez, ed. 6, 2015.

_____. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.

DUARTE, Fernanda Sousa; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Da escravidão à servidão voluntária: perspectivas para a clínica psicodinâmica do trabalho no Brasil. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 2, n. 3, p. 68-128, 2015.

GAULEJAC, Vincent de. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Trad. Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

GHIZONI, Liliam Deisy; MENDES, Ana Magnólia. Dispositivos para uma escuta clínica do sofrimento no trabalho dos catadores de materiais recicláveis, *Contextos Clínicos*, v. 7, n. 1, p. 15-26, 2014.

JOHNSON, S. et al. Vivência do stress relacionado ao trabalho em diferentes ocupações. In: ROSSI, A. M.; PERREWÉ, P. L.; MEURS, J. A. (Orgs.). *Stress e Qualidade de Vida no Trabalho: stress social - enfrentamento e prevenção*. São Paulo: Atlas, 2011. p. 213-230.

KINMAN, Gail; MCFALL, Obrene; RODRIGUEZ, Joanna. The cost of caring? Emotional labour, wellbeing and the clergy, *Pastoral Psychology*, v. 60, n. 5, p. 671-680, 2011.

LOPES, Ademil Lucio. Globalização, Governança e novos atores. *ReBraM*, v. 11, n. 2, p. 130-139, 2015.

MENDES, A. M.; ARAUJO, L. K. R. *Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o sujeito em ação*. Curitiba: Juruá; 2012.

MENDES, Ana Magnólia; FERREIRA Mario C. Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. Capítulo 5. In: MENDES, A. M. (Org.) *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007.

MENDES, Ana Magnólia; SILVA, Rogério Rodrigues da. Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional, *Psico-USF*, v. 11, n. 1, p. 103-112, 2006.

MÉZERVILLE, Helena López de. *O desgaste na vida sacerdotal - Prevenir e superar a Síndrome de Burnout*. São Paulo: Paulus, 2017.

PEREIRA, Willian Cesar Castilhos. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2012.

PINTO, Enio Brito. *Os padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades*. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo Ferreira. O catolicismo e a Igreja católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. *Debates do NER*. Porto Alegre. v. 14, n. 24 (jul./dez. 2013), p. 223-243, 2013.

VALLE, Edênio; BENEDETTI, Luiz Roberto; ANTONIAZZI, Alberto. *Padre, você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Layola, 2004. p. 13-96.